

JOGOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: BRINCANDO PARA APRENDER EM DETRIMENTO DO APRENDER BRINCANDO

09/2011

Políticas Públicas e Reformas Educacionais e Curriculares

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

JÓIA, Adelaide
adejoia@ig.com.br

Introdução

Tendo em vista, que durante muitos anos creches e pré-escolas trilharam caminhos autônomos e distintos, sendo a preocupação da primeira o cuidado e a guarda da criança, e a da segunda o preparo para a escola regular; assistimos com muita alegria e entusiasmo a creche ganhar status de instituição educacional e compor juntamente com a pré-escola, a primeira etapa da educação básica.

Entretanto, passados 15 anos da LDB N° 9.394/96, as creches – de modo geral – compõem o sistema de ensino, mas inúmeros problemas continuam sem solução, tais como: demanda reprimida, professores leigos, ausência de Planos, cuidar e educar dicotomizados, escolarização precoce, currículos conteudistas etc.

Dentre tantos problemas, a opção desta pesquisa é estudar qual o lugar que a ludicidade ocupa na educação infantil, tendo em vista que ora ela está ausente, ora presente e ora é imposta enquanto obrigação para as crianças.

O interesse pelo tema surge da necessidade de melhor compreender o lugar que ocupa hoje a ludicidade nas creches e pré-escolas da rede pública de ensino de Caieiras. Isto é, de que forma o brincar está posto, e qual a sua importância, no trabalho desenvolvido na educação infantil.

Esta pesquisa pretende investigar a dicotomia existente entre propostas pedagógicas semelhantes. Uma que utiliza os jogos e brincadeiras como mecanismo para o ensino de conteúdos e habilidades, de forma impositiva, que considera a criança como sujeito passivo do processo, que recebe as comandas e realizam as atividades e outras propostas cuja concepção de desenvolvimento infantil está pautada necessariamente na ludicidade, na afetividade e no cuidado à criança pequena e que consideram a criança como sujeito ativo no planejamento da ação.

Assim sendo, a questão norteadora do trabalho é: - as crianças precisam realizar determinadas atividades e brincadeiras, planejadas e orientadas pelos adultos para aprender determinados conteúdos e habilidades? Ou elas aprendem e se desenvolvem plenamente quando brincam, jogam, são estimuladas, orientadas, acolhidas, cuidadas, respeitadas e protegidas?

O que causa inquietação e chama a atenção para o estudo é o fato dessas atividades e brincadeiras não considerar as escolhas das crianças. São atividades totalmente cindidas, ora totalmente livre – sem nenhuma orientação – ora apenas de cuidado – higiene, alimentação, sono – e ora com características educacionais (planejadas e orientadas pela Secretaria Municipal de Educação), mas pontuais e totalmente desconexas entre si.

Contexto da pesquisa: Porque Caieiras?

O Município escolhido para a realização do estudo (Caieiras/SP) atende 1865 crianças (IBGE/INEP/MEC), em 23 creches e pré-escolas, para uma população infantil de 0 a 5 anos de 6.265 crianças (IBGE/Sinopse Censo 2010).

Enquanto por um lado a literatura corrobora para uma visão que privilegia os jogos e brincadeiras na educação infantil, como um mecanismos de desenvolvimento e aprendizagem, por outro, boa parte das alunas que são professoras nas creches ou pré-escolas da rede pública municipal de Caieiras reclamam, justamente quando apresentamos essa abordagem, que valoriza o brincar na infância.

Hoje, de acordo com seus depoimentos, as creches e pré-escolas estão repletas de brinquedos, todas têm cantos temáticos, a disposição do mobiliário foi modificada de

modo a deixar o ambiente mais lúdico e aconchegante, entretanto, elas precisam dar conta dos mesmos objetivos e metas de anos atrás. Ou seja, as crianças brincam sim, mas as brincadeiras são pré-estabelecidas, os objetivos e metas precisam ser alcançados a qualquer custo.

Assim, as professoras que atuam em pré-escola relatam que precisam alfabetizar suas crianças e que essa tarefa se tornou mais difícil após a mudança de método, atualmente as crianças não fazem mais treinos em folhas, elas têm que aprender brincando. Contudo, as brincadeiras são sempre as mesmas e já vem com uma comanda da SME que não considera a vontade e o tempo das crianças.

Assim, mesmo diante de um farto acervo de recursos materiais, não lhes sobra tempo para refletir e/ou planejar as atividades, não conseguem fazer registros e mensurar o desenvolvimento das crianças.

Contextualização teórica

Para a realização do estudo, é pertinente trazer à luz alguns autores que apontam a brincadeira como o melhor caminho para uma educação integral, e enfatizam que é por meio do brincar que a criança experimenta o mundo, elabora conflitos, desenvolve a criatividade e, sobretudo, diverte-se intensamente, garantindo assim seu desenvolvimento não apenas físico, mas também cognitivo e emocional.

Até o momento, para fundamentar a revisão teórica, foram levantados os seguintes teóricos, dentre outros: Ariés (1978), Bassedas (1999), Brougere (1995, 2004), Formosinho, Kishimoto, Pinazza (2007), Kishimoto (2000), Moyles (2002), Winnicott (1975).

Para Winnicott (1975 p. 80) “[...] o brincar facilita o crescimento e conduz aos relacionamentos grupais [...]”. É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu.

Segundo Brougere (1995), a brincadeira é um modo de sustentação do círculo humano, das relações humanas, é uma atividade que permite à criança a apropriação dos códigos culturais. E enfatiza que o brinquedo é importante, pois com ele a criança

constrói suas relações (relações de posse, de utilização, de abandono, de perda, de desestruturação), que constituem esquemas que ela reproduzirá em outros objetos na vida futura.

O livro *Pedagogia(s) da Infância*, organizado por Formosinho, Kishimoto, Pinazza (2007) trás inúmeros autores e concepções acerca da educação na primeira infância, entre os quais se pode citar Froebel, precursor do jardim da infância, que foi o primeiro educador a utilizar o brinquedo, como atividade, nas escolas; para ele as atividades e os desenhos que envolviam movimentos e ritmos eram muito importantes, criou também uma proposta de aprender brincando para crianças menores de três anos e considerava o brincar como essencial no plano curricular e metodológico.

Para Moyles (2002) não obstante todos os estudos que defendem o brincar como processo legítimo no desenvolvimento da criança, os professores ainda se sentem inseguros sobre como inserir o brincar no contexto educacional. Diante dessa afirmação, enfatiza que:

Embora aceitando quase instintivamente o valor do brincar, é difícil para os professores envolvidos na organização cotidiana da aprendizagem infantil extrair algo com substância pragmática e teórica suficiente sobre o qual basear seus julgamentos e oferecimento de aprendizagem. É bem mais difícil justificar as atividades lúdicas no contexto educacional do que sugerem os estudos (MOYLES, 2002, p.18).

Este cenário indica que a ludicidade não deve apenas ser contemplada no currículo e no projeto político pedagógico, e sim estar presente como uma atividade contínua na educação infantil, tendo em vista que é brincando que a criança aprende, e não sendo obrigada a brincar conforme a intenção e/ou determinação do adulto.

Procedimentos metodológicos

Para a efetivação deste trabalho, será realizado primeiramente uma pesquisa bibliográfica, com leitura, sistematização e análise de documentos oficiais do MEC, livros, artigos, teses e legislação (federal e municipal) que versem sobre a temática, e

em seguida, um estudo qualitativo, de campo, com observação *in locus*, aplicação de questionários e entrevistas com professoras, coordenadora, diretora e outros personagens se necessário for.

As técnicas utilizadas para análise do trabalho serão: registro das observações, atividades e falas; transcrição e análise das entrevistas, análise dos planos, currículos e fotografias.

Uma breve consideração

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, é um direito de todas as crianças e compete ao poder público assegurar a oferta de vagas. A neurociência reconhece que a complexa rede de conexões neuronais se formam nos seis primeiros anos de vida e outros estudos apontam que frequentar uma boa creche e uma boa pré-escola assegura êxito na alfabetização inicial, garante maior aprendizagem no ensino fundamental, menos reprovações e abandono escolar, portanto não há o que tergiversar acerca da defesa de uma educação infantil de qualidade para todas as crianças.

Por esses motivos considera-se necessário, além da oferta de vagas, uma proposta pedagógica cuja concepção de desenvolvimento infantil está pautada necessariamente na ludicidade, na afetividade e no cuidado à criança pequena.

A pesquisa de mestrado, cujo tema é “Educação Infantil em Caieiras: Um estudo sobre as concepções e práticas de atendimento à criança pequena presentes em creches municipais”, realizada nos anos de 1999 a 2000, revelou que na rede municipal de ensino de Caieiras não se privilegiava as atividades lúdicas, pois a creche exercia o papel de cuidar e a pré-escola de escolarizar as crianças; e atualmente os relatos apontam para uma concepção que valoriza os jogos e brincadeiras, contudo, numa perspectiva conteudista, que limita, engessa as possibilidades de desenvolvimento.

Partindo dessa constatação, acredita-se que esta proposta de pesquisa, que se encontra em fase inicial no doutorado, contribuirá com a possibilidade de compreender porque os jogos e brincadeiras fazem parte sistemática da rotina das creches e pré-escolas, todavia estão atrelados ao desenvolvimento de determinadas habilidades predefinidas pela Secretaria Municipal de Educação do contexto investigado.

Referências Bibliográficas

BASSEDAS, Eulalia. HUGUET, TERESA, SOLÉ, Isabel. **Aprender e ensinar na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Básica. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, MEC/CEF, 3 volumes, 1998.

BROUGERE, Gilles. **Brinquedo e Cultura**. São Paulo, Cortez, 1995.

_____. **Brinquedos e Companhia**. São Paulo, Cortez, 2004.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **O Brinquedo na Educação: Considerações históricas**. Série Idéias, nº 7, FDE, 1990.

MOYLES, Janet R. **Só Brincar? O papel do brincar na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

WINNICOTT, D.W. **O Brincar e a Realidade**. Tradução de José Octavio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.